

**ORAÇÃO DE POSSE DA CADEIRA "MARECHAL JOSE'
BERNARDINO BORMANN"**

Marechal JOSE' BERNARDINO BORMANN

e

General AUGUSTO TASSO FRAGOSO

— Suas vidas

— Suas obras

Pelo

General Bd.^o TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

Junho de 1946

— "Quem valorosas obras exercita
Louvar alheio muito o esperto e incita

C A M Õ E S

Achegamo-nos desta casa a que sombras venerandas de historiadores e geógrafos emprestam magestade de templo olímpico, com a emoção de quem se habituou, desde muito cedo, a cultuar os que deram seu esforço e sua ciência em lições para o futuro, na perpetuação de passado glorioso e fecundo. Transpomo-lhe os humbrais, ao acêno afetuosos de mão amiga, na esperança de fortalecer o nosso modesto culto ao calor afanoso dos que nela mourejam. Aqui estamos cheios da intenção de saldarmos o compromisso que a investidura nos impõe, empenhando todo o nosso fraco engenho na tarefa precípua d'êste INSTITUTO — o estudo objetivo dos fatos político-militares e da influência da geografia nêsses fatos com as suas causas e leis para melhor esclarecimento dos problemas da segurança nacional; para melhor consciência da ação relevante de nossas forças armadas; para o conhecimento mais íntimo, mais seguro, e mais divulgado do nosso passado glorioso; sem nos esquecermos de que a História e a Geografia, como ciências, não se devem afastar do caminho luminoso a que BERNHEIM chama "**O Esplendor Tranquilo da Verdade**".

Por caprichosa coincidência, aqui vimos encontrar, entre outras, entidades que se nos depararam no caminho da vida e

nos darão o âmparo de suas lições, de seus exemplos, de seus conselhos e de suas amidades carinhosas e sob cuja proteção quizesstes colocar-nos daqui por diante:

- JOSE' BERNARDINO BORMANN
- AUGUSTO TASSO FRAGOSO
- ESTEVAM LEITÃO DE CARVALHO
- EMÍLIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA

O Marechal JOSE' BERNARDINO BORMANN, saúdade luminosa da minha adolescência no Colégio Militar, de um General que, herói consagrado, era reliquia viva do passado honroso. Viamo-lo sempre nas solenidades ou nas ruas da cidade, sexagenário, mas ostentando juvenildade de quem houvesse descoberto o elixir da longa vida. Conhecemos cedo a sua vida, dedicada ao Exército e à Nação. Sabiamo-lo soldado desde os tenros anos, combatente de toda guerra do Paraguai, de Uruguaianta às Cordilheiras; alferes, tenente, capitão, presente com seus canhões a quasi todos os combates — **Uruguaina** — **Curuzú** — **Curupaítí** — **Tulutí** — **Sauce** — **Humaitá** — **Angostura** — **Itaroró** — **Avai** — **Peribebul** — **Nhum-Guassú** — **Caroguetí**, etc. Condecorado por ato de bravura e também por espirito humanitário quando em **Curuzú** se transformou espontaneamente em enfermeiro de coléricos.

No remanso da paz, sabiamo-lo engenheiro, bandeirante, debravador de terras, cientista e ocasionalmente político. Alcançara, na época em que o conhecemos, as mais altas postos do Exército — Ministro da Guerra e Ministro do Supremo Tribunal Militar. Ainda mais, foi por seu intermédio que tomámas conhecimento completo da História da Guerra do Paraguai, através dos três volumes do seu trabalho, que a nossa curiosidade descobriu na estante de um parente e que, mesmo com a incompreensão da inexperiência, devorámos sofregamente, de fio a pavio.

Vêde, pois, como que emoção carinhosa reencontramos hoje essa figura imperecível do patrono da cadeira, com que a vossa benevolência quiz honrar-nos.



Dos primeiros passos da minha carreira de oficial datam a amizade e a veneração por AUGUSTO TASSO FRAGOSO, obreiro e mestre que nunca será esquecido e que não terá substituto nesta casa e por ESTEVÃO LEITÃO DE CARVALHO, que escolhestes para dar-nos boas vindas.

TASSO FRAGOSO pertence à geração que fez a República, com o idealismo, a coragem e o desprendimento dos verdadeiros patriotas. Por isso, ninguém se admirará que seja, em sua longa vida um **esteta de atitudes e gestos nobres**. O jovem oficial que, nos primeiros anos da República, recusara situações políticas vantajosas, será o General enconhecido mas prestigiado por seu valor moral e profissional, que saberá manter-se sobranceiro às competições partidárias, defendendo os interesses do Exército em face de agitações subversivas. Não podemos fugir ao prazer de repetir-lhe os próprios conceitos referindo-se ao ambiente da Escola Militar da Praia Vermelha de 89:

"— Quando, ao cabo de dois anos de aprovações plenas no Curso Superior, ganhava o estudante o título de alferes-aluno, lia-se-lhe na fisionomia o intenso júbilo da vitória alcançada unicamente pelo seu labor honesto e perseverante. As estrelas que encimavam os galões e a banda vermelha eram pompeadas com desvanecimento. Não havia glória maior do que ascender sem pedir, do que chegar ao primeiro degrau elevado da hierarquia militar sem aviltamento de caráter nem preterição de companheiros...

Não se pode avaliar o nosso desprezo pelos que faziam da política um campo de exploração pessoal e se valiam das posições para satisfação exclusiva de sua vaidade ou de suas conveniências.

"Queríamos ver extinta a raça dos que sobem matreira e hipócritamente às culminâncias do poder e uma vez aí esquecem os seus deveres e as promessas formuladas e não se correm de violar direitos sagrados de seus compatriotas, estorvar-lhes a vida serena, empecer o progresso do país em todas as ramas de sua atividade e afinal desacreditá-la no estrangeiro...

E' preciso ter vivido nessa época e ter conhecido esse ambiente para aquilatar a justa, a elevação da maioria dessa geração republicana de militares e civis, que batalhavam com inquebrantável fé e absoluto desprendimento para redimir os cativos e implantar a República no Brasil."

Assinalamos aqui, em largos traços, as atitudes e gestos de sua vida por demais eficiente e bemfazeja, menos pelo desejo de vos edificar do que pelo prazer de rememorar-los na homenagem e na saudade.

ALMA DE SOLDADO

Renunciava ser deputado para que fôra eleito, como não aceitava ser Prefeito do Distrito Federal e Ministro de Estado, por lembrança pessoal de FLORIANO. O seu ideal era permanecer soldado apenas. E de como o seria, deu provas logo em 1894, batendo-se bravamente no combate da PONTA DA ARMAÇÃO, no qual caiu gravemente ferido. Isso valeu-lhe a promoção por bravura. E de como o seria tivemos provas, já em nossos dias, em sua atuação nos comandos de tropa, nos quais, foi não só o chefe dinâmico, progressista, inovador e mestre de seus homens, como também o melhor executante, a ponto de um dos seus comandados de então lembrar que o seu Comandante

“ — era o melhor Tenente do Regimento, que conhecia perfeitamente tôdas as partes da instrução e as praticava e ensinava com rara proficiência.” (*)

Mais tarde, na chefia do Estado Maior do Exército excedeu-se nessa característica. Tivemo-lo inúmeras vezes, ao sol e à chuva, ao nosso lado, nos exercícios de Pelotão da Escola de Sargentos de Infantaria, qual Tenente como nós, a estimular-nos e a orientar-nos no seu entusiasmo pelos conhecimentos que a Missão Militar Francêsa nos transmitia. Era assíduo aos trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, de Estado Maior e Escola Militar, onde sua presença valorizava os cursos e onde sua palavra trazia sempre o tom do ensino apropriado e a sanção da autoridade emanada da cultura e da elevada função. Sobretudo, dava vida e alma às Manobras de Quadros do Exército, aqui, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, em Mato Grosso, e em Minas, durante anos seguidos, levando consigo quasi todos os generais, a quem oferecia oportunidade para consolidarem conhecimento na prática das decisões e para firmarem autoridade provinda da ascendência profissional. Sua opinião, fruto de cultura, de estudo, de meditação, de raciocínio e de senso objetivo dos nossos problemas, era acatada pelos mais abalizados mestres francêses, inclusive pelos dois que mais se impuzeram entre nós, o General MAURICE GAMELIN e o Coronel DEROUGEMONT. Dir-se-ia que todos respeitavam a personalidade do General TASSO FRAGOSO; e era pura verdade.

A sua atuação como chefe militar à testa do Estado Maior do Exército ainda está a pedir o estudo minucioso e desapaixo-

(*) Palavras do General IZAURO REGUERA — Conf. sobre o General TASSO FRAGOSO pelo Coronel PERY BEVILACQUA.

nado de quem possa devassar os arquivos sigilosos do órgão capital de nossas forças de terra. Os estudos, os ante-projetos, as observações, as críticas sobre os mais complexo trabalhos de preparação da guerra, muitos da lavra do chefe e outros por ele orientados, deporão a favor de seu zelo, de sua honestidade profissional, da consciência de sua responsabilidade, do cabedal copioso de seus conhecimentos do problema brasileiro, do seu desprendimento. A ele nunca se poderá impecar de

"— não ter cuidado"

no tocante às medidas de segurança nacional, pois muito fez para que o Estado Maior do Exército realizasse a sua tarefa de projetador da Segurança Nacional.

O PREPARO TÉCNICO

A sólida bagagem científica, haurida na Escola e desenvolvida no amor aos livros permitiu-lhe notável realce na Comissão CRULS de demarcação do território reservado ao Distrito Federal, na Carta Geral da República, na Comissão de aquisição de Arramento na Alemanha, na de Fortificações e na Diretoria de Material Bélico. Seus trabalhos despertaram a atenção dos técnicos estrangeiros e mereceram deles francos elogios.

E mesmo quando mais tarde absorvido, por força de elevadas funções, em atividades de outra ordem, era de ver a segurança com que enfrentava as mais variadas questões de cultura técnica. Somos testemunhas de suas incursões nos domínios da Balística, da Química, etc., durante a elaboração de regulamentos de tiro, no estudo de propostas de Fábricas de Munições e Explosivos ou em visitas à Escola Militar. Nesta, principalmente, não se continha à ânsia em auxiliar os outros e em orientá-los com a sua experiência. Vimo-lo ali, por vezes, tomar a palavra e completar a aula, esclarecendo o assunto em curso com clareza e objetividade qual professor perfeitamente em dia com o seu programa.

Tudo isso sem que se chocassem essa cultura politécnica e a cultura geral que, pondo em exercício tôdas as faculdades do espírito, alarga os horizontes do pensamento, e desenvolve o senso de equilíbrio, de medida e de oportunidade, que só é peculiar aos homens cuja cultura se transformou numa soma viva ou numa síntese das experiências ou das reflexões da humanidade.

O melhor símbolo dessa cultura está na rica biblioteca que

o patriotismo de seus filhos deu à nossa Escola de Estado Maior.

O DIPLOMATA E O HOMEM DE SOCIEDADE

TASSO FRAGOSO destacou-se nas suas comissões no estrangeiro.

Adido militar na República Argentina, e em outras comissões diplomáticas, fez-se querido pelo trato e respeitado por suas atitudes e pelo valor profissional. Acompanhou altas personalidades em visita no país. Era ouvido com o maior acatamento em todos os meios cultos. Não há melhor depoimento do que o do Exmo. Sr. General JOSE' PESSOA por ocasião de sua morte:

"— ... E numa evocação de outros tempos, estou a vê-lo a meu lado como companheiros que fomos designados para acompanhar o Rei ALBERTO I da Bélgica e a Rainha ELIZABETH, em sua visita ao Brasil, após a Grande Guerra. Sinto reviver em mim a admiração e o orgulho com que acompanhei os seus triunfos naquela ocasião. Impariente, vibrante, falando várias línguas, dispendo de uma cultura geral primorosa, abordava com idêntico "savoir faire" todos os temas focalizados, com a objetividade de uma grande cultura e a finura do homem de sociedade. De volta à Europa, no couraçado São Paulo, pude ouvir do Rei-Soldado estas palavras à personalidade de TASSO:

"— O Brasil tem nelle um soldado capaz de ser um grande Chefe em qualquer Exército."

Por muita que já nos tenhamos estendido, continua inesgotável esse relicário de virtudes militares, cívicas e privadas, que constitui a vida de TASSO FRAGOSO:

"— À proporção que avançamos na vida ao arripio da corrente do tempo e que elle nos abandona fugidío, sentimos a persistência inflexível do impulso vital. Muitas das que sucumbem nessa afanosa peregrinação, balisando a nossa trajetória, apenas desaparecem objetivamente, pois continuam presentes em nossa imaginação que passa a transmitir, de cérebro em cérebro, a recordação de seu concurso prestado

para amenizar-nos a existência e as agruras da nossa jornada misteriosa. Destarte os imortalizamos e se nos depara meio de cultivar as saudades com que lhes lamentamos a ausência."

TASSO FRAGOSO.

Vamos além dos conceitos do inclito varão.

Recordarmo-lo, é certo, a vida prestada que éle próprio imortalizou e mais do que a saudade será perene o reconhecimento de sua influência bemfazeja ao Exército, o qual ganhará relêvo crescente, na glorificação de um grande vulto nacional.

ESTEVAO LEITÃO DE CARVALHO

Depois desta exaltação, permiti, senhores, que nos recolhamos, por momentos, à singeleza dos sentimentos afetivos mais íntimos, para bemdizer a oportunidade deste encontro com ESTEVAM LEITÃO DE CARVALHO, o Tenente de Infantaria que poz ao alcance dos que iniciavam a vida profissional os processos de instrução da infantaria alemã e que irmanado a SOUZA REIS, KLINGER e outros, foi o verdadeiro reformista dos nossos processos de instrução. Mesmo de longe o tivemos como mestre; e quando mais tarde nos aproximamos, auferimos as melhores vantagens dos seus conselhos e das seus estímulos na obra que empreenderamos pela codificação da instrução militar. Sobretudo, foi na Escola de Estado Maior que tivemos a melhor oportunidade para aquilatar o valor de sua cultura profissional e geral, o tato e o equilíbrio de suas atitudes e a envergadura moral de homem bom e justo.

Muito lhe devemos de nossa formação profissional.

Vêde, pois, quão grande é o nosso reconhecimento a êste amigo e mestre, que tanto vem honrando esta casa.

EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA

Devemos, finalmente, a palavra de gratidão e de saudade ao grande roble aqui tombado recentemente. Foi lembrança sua a nossa vinda até vós.

Reverenciamos aqui a sua grande bondade.

A OBRA HISTÓRICA DE BORMANN

Póde-se dizer ter sido infatigável o esforço de JOSE' BERNARDINO BORMANN para doar aos seus patrícios a narração comentada das nossas campanhas do Prata.

Coube-lhe, desde cedo, a tradução do 3.º volume da História da Guerra do Paraguai do Conselheiro SCHNEIDER (Capítulos XXII à XXXIII), a qual foi apresentada ao então JUCA PARANHOS, futuro BARÃO DO RIO BRANCO por uma carta do DUQUE DE CAXIAS. Dêsse trabalho surgiu provavelmente a decisão de elaborar a História completa da campanha, a qual veio à luz em 1897, em obra de fôlego. Dala disse TASSO FRAGOSO:

"— E' livro que um brasileiro lê com prazer. Nêle palpita invejavel patriotismo, ardente amor à verdade e justo respeito a quantos participaram dessa prolongada guerra.

BORMANN rebate com vantagem as críticas injustas e os remoqueos descabidos que certos escritores platinos costumam lançar contra nós."

Da aferenda com que abre sua copiosa obra, já se entremostra a finalidade limitada de seu empreendimento, sem que por isso lhe mingue a extraordinária valia. Pondo ao alcance de todos

"— as fontes mais puras, como os documentos officiais, a imprensa séria e imparcial do tempo em que se desentpiaram os acontecimentos e o testemunho fiel dos homens que tiveram a fortuna de militar nas fileiras da cruzada contra a mais extraordinária das tiranias." (sic)

o nosso patrono, historiador da velha Escola, simboliza o homem do microscópio, de que nos fala LUDWIG em "Gênio e caráter de quem os historiadores da Escola Moderna bendizem o abnegado trabalho de investigação, de classificação e de crítica, sem o qual estes últimos nada chegariam a realizar.

BORMANN lega-nos, assim, verdadeiro "Diário de Marchas e Operações" de tôda a campanha, a cuja maior parte esteve presente, sempre obedecendo à ordem cronológica, abundante de pormenores e entremeado de notícias e comentários de fatos políticos e diplomáticos relacionados com a guerra.

Embora nem sempre indique as fontes de informações, es-

tas, na sua quasi totalidade, são confirmadas pelo que existe em outros depoimentos e nos arquivos; aspecto que empresta grande valor ao trabalho de critica a que se entregou o historiador, no estabelecer a autenticidade e a credibilidade do fato histórico, guiado pela própria sinceridade.

A sinceridade de BORMANN leva-o à busca da verdade, verdade e só verdade. Muitas vezes contudo não pode ser indiferente às próprias influências dos acontecimentos de que foi partícipe e daí alguns julgamentos servirem para provar que

“— o recuo do tempo é fator de imparcialidade.”

(Cons. ALENCAR ARARIPE
— Como escrever a História do Brasil)

Por isso mesmo a sinceridade e a franqueza estão nas próprias palavras do autor:

“— Historiando os fatos da campanha mais cruenta da América do Sul, não podemos deixar de externar a nossa opinião que felizmente temos visto partilhada por homens estudiosos, a respeito de acertos e erros das operações.

Dos acertos depende a vitória, ao passo que aos erros se prendem muitas vezes os grandes desastres ou pelo menos os triunfos caros e dolorosos que se assemelham às vitórias de PIRRHO.

Ao lembrar os fatos da gigantesca luta internacional, muitas vezes o coração quer absolver os erros que a consciência condena. A alma, às vezes, vibrante de patriotismo e entusiasmo, procura abrigar, sob suas azas, esses erros e voar com eles até às regiões em que se libram as inspiração sublimes da ciência da guerra; mas como não ser assim, se esses erros produziram colossos de heroísmo, pleiade de homens, cuja coragem, abnegação e valor são quasi sobrehumanos!!!

“Ah! se de alguns desses erros não brotasse tanto sangue; se eles não fossem um vasto manto de crepe que vai envolver, unedecido de lágrimas, tanta viuvez e orfandade; esses erros mereceriam os aplausos, a aprovação de um povo inteiro, porque embora rociados de sangue, irrompem deles espadas fulgurantes de glória, que são o orgulho da geração presente e o legado de heroísmo que passará às gerações do porvir.”

Em obras dessa natureza, atulhadas de datas e nomes por necessidade, nem sempre há lugar para

"— a colaboração da poesia com a erudição"

como diz e praticou EUCLIDES DA CUNHA, nem para

"— a coexistência da razão e da fantasia"

como ensinava MACAULAY.

No relato exato, minucioso e glacial, há, contudo, verdadeiras clareiras em que se reafirma ser

"— a história uma criação da consciência de quem a escreve, como interpretação, que deve ser, do que pensaram, sentiram e quizeram os mortos.

no dizer primoroso de ALCANTARA MACHADO.

Contemplamos as pinceladas fortes deste quadro:

"— O diplomata estava pálido de emoção e consternado diante do quadro que contemplava, pois, o assalto ainda não tinha começado e já centenas de soldados e vários oficiais, feridos pelos canhões inimigos, se achavam amputados!

Montões de braços e pernas estão ali esparsos; os nossos cirurgiões empunham os seus serrotes; outros as suas facas de amputação, com os seus aventais rubros de sangue; aqui um sacerdote, acolá outro, de joelhos ao lado do moribundo ou assentado no chão, ensopado de sangue, consolando a um ou recebendo o último suspiro de outro, no meio das preces que seus lábios balbuciam; lá uma padiola que chega e que traz um valente que vem mutilado do combate reunir àquele concôrto de gemidos, de dores e orações, um viva à nação brasileira que parece reanimar as faces pálidas e macilentas do agonizante!

O Ministro ali está diante daquela cena sublime de patriotismo, de dever, de religião, de dores e de glória! Ele consola também.

Alguns o encaram fixamente; mas com o olhar embaciado pela morte; outros a quem a perda de sangue ainda não levou a esta espécie de indiferença que faz o desfalecimento, parecem dizer-lhe:

"— . . . podei dizer à patria que o soldado

brasileiro sabe lavar com o próprio sangue os erros da política de seu governo!"

Há na obra de BORMANN o ressaíbo de um patriotismo agressivo e quíçá irreverente, maxímé quando analisa a política da guerra, as questiúnculas entre chefes e a imprevidência dos govêrnos.

Assim, por exemplo, ao historiar a campanha do Uruguai de 1864, em que a feição diplomática e política avulta sobre a militar, quasi nula, êle depõe com franqueza, às vezes rude, sobre as decisões, atos, gestos e atitudes dos homens públicos brasileiros e orientais, para que se possa fazer juízo da Política de Guerra do Govêrno Imperial. No emaranhado de documentos, de depoimentos e de opiniões que tem feito correr tanta tinta em torno dêsses acontecimentos, acentuado valor possuem a opinião e as reminiscências dêste experimentado varão, sabrefudo as advertências repetidas para que não se descuide da segurança nacional.

Dos inestimáveis serviços prestados ao Brasil, na paz e na guerra, durante cerca de 50 anos, sobreleva êsse notavel e sereno esforço de reconstituir o passado para orientação do futuro — serviço que esta casa e também o magno INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL não permtiem, com justiça, seja olvidado.



A MONUMENTAL OBRA HISTÓRICA DE TASSO FRAGOSO

Um dos mais jovens membros deste INSTITUTO e dos mais dados à análise bibliográfica, em que se há sempre com senso crítico esclarecedor e construtivo, embora, às vezes, percuciente e desabusado, aqui reconheceu um monumento na obra de TASSO FRAGOSO (*)

Não se poderia ser mais feliz na sintetizar uma apreciação. Monumento na visão majestosa de conjunto harmonioso. Monumento no lavor artístico e custoso de tôdas as suas peças, na evidente confirmação de que, sem perder o cunho da ciência,

— "a História continúa sendo uma arte",

como disse BURCKHARDT; embora nela, na obra de TASSO, não haja apêlo

— "ao manto diáfano da fantasia",

da frase de EÇA, fantasia que LUDWIG empresta aos grandes

(*) RUMBERTO PEREGRINO — Discurso de posse.

historiadores que se chamaram BURCKHARDT, MOMMSEN, CARLYLE E MACAULAY.

Qualquer que seja o conceito da História, e por grande que se apresentem as divergências entre os historiadores, os filósofos e os sociólogos acerca da natureza, do objetivo, do conteúdo e dos métodos desta ciência, não se pode contestar que o seu elemento fundamental é

— "o fato"

no triplice expressão contingente, necessária e lógica e que, não só na investigação dos fatos históricos mas nas conseqüentes operações de síntese erudita e de síntese científica (dedução das leis), o historiador aspira, acima de tudo, ao conhecimento da verdade sobre os acontecimentos do passado humano. Bem sabemos que nada existe de absoluto, nem sequer a verdade, e que acerca do mesmo fato — até quando passado no nosso tempo — se produzem tantas versões, ou sejam tantas verdades quantos são os observadores, não só porque os aspectos mudam conforme a posição em que êsses observadores se colocam, mas porque cada um possui a sua sensibilidade, a sua visão especial e, sobretudo, porque as paixões são inevitavelmente deformadoras dos acontecimentos.

Mas, por isso mesmo, ao historiador compete pesquisar a exatidão dos fatos até o ponto em que ela pode ser cientificamente verificada, acompanhando de provas as suas afirmações, apresentando tôdas as dúvidas que lhe suscita a eurística dos documentos, não desprezando pormenores que ulteriores interpretações possam utilizar e — acima de tudo — não se desviando do espírito de rigorosa objetividade que deve presidir a tôdas as operações da História (JULIO DANTAS):

TASSO FRAGOSO, ciente das dificuldades de determinação da verdade, a ela se dedica absorvente e desinteressadamente,

— "em longos anos de pacientes investigações, levadas a efeito nos arquivos do país, onde o ilustre militar colheu copiosa documentação do mais alto valor histórico, quasi tôda da época, em grande parte redigida por testemunhas ou atores dos acontecimentos, e de cuidadoso exame de tôda a bibliografia existente sobre o assunto no Brasil e no estrangeiro",

como bem assinalou LEITÃO DE CARVALHO em "A Defesa Nacional".

Em "A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO", "A HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI", "A REVOLUÇÃO FARROUPILHA" e outros escritos, há sempre a mesma preocupação de restabelecer a verdade, pondo tudo a limpo com provas confrontadas de tôdas as fontes, para concluir com serenidade e justiça.

Na primeira, "A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO", ao nosso ver a obra capital, porque nela se definem as características marcantes do historiador abalizado, é ele próprio quem diz:

— "Esforcei-me por ser tão sereno quanto se pode ser em questões dessa natureza; manejei a pena pedindo inspiração aos meus sentimentos de verdadeira estima aos vizinhos com quem no passado tivemos lutas.

Consultei todos os documentos acessíveis e na medida em que me permitiram os meus deveres profissionais. Não me corri de beber em tôdas as fontes, ainda as mais humildes, sem nenhuma preocupação de as dissimular, antes com o firme propósito de tornar bem patente que apenas elaborava modesta compilação... e por isso me escondi à sombra delas (testemunhas) sempre que pude."

Só a modestia inata poderia permitir ao historiador, em sua primeira produção de fôlego, semelhante proêmio. O leitor conciente chegará, em breve, a negar essa premissa.

O próprio plano da obra revela a elevada concepção da finalidade e das diretrizes da História, plano que se consolidará, em seu delineio seguro e vasto, nas obras seguintes.

Jovem ensaísta de problemas sociais e históricos disse algures:

— "O estudo dessa História Militar (do Brasil) não dispensa os recursos inestimáveis que lhe fornece para a compreensão do quadro de desenvolvimento dos fatos, a apreciação dos fatores subsidiários, por vezes importantíssimos, configurados na geografia, no panorama político, na organização social de cada um dos países em conflito... A História Militar brasileira muito tem padecido desses defeitos, de sorte que não tem sido explorada, como podia, para ensinamento atual, como vistas ao presente e ao futuro..."

(Cap. NELSON WERNECK SODRÉ)

Esquecendo-se das ressalvas, principalmente quanto aos três grandes sacerdotes da nossa História Militar — RIO BRANCO — TASSO FRAGOSO e GENSERICO DE VASCONCELOS — o juízo acima extremou-se em injustiça, pois êstes três magos excedem nos debuxos do ambiente geográfico e social e dos antecedentes históricos para que fiquem convenientemente situadas os acontecimentos.

A síntese da História Pátria bosquejada na primeira parte de "A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO", com 126 páginas, impõe-se aos estudiosos pelo delineamento seguro com que ensina a marcha da conquista da Terra, a expansão econômica para o Norte, para o Oeste e para o Sul, a luta guerreira e diplomática pela dilatação das lindes, em busca do Paraná e do Prata; estudo que leva o leitor à conclusão de OLIVEIRA VIANA, oposta à lenda da nossa política imperialista no Prata:

— "a história das guerras platinas não é senão a história das garantias militares de nossa expansão social!"

A segunda parte do livro, com inúmeros anêxos, é reservada ao estudo da guerra contra os orientais rebelados e contra a Argentina. Aí, o teatro de operações terrestres e navais, as ações preliminares, os planos de manobra dos dois exércitos e a marcha para a batalha são desenvolvidos e apreciados à luz de cultura militar sadia e sincera. Mas é, sobretudo, na descrição da batalha, fartamente documentada e ilustrada com cartas topográficas, e nos comentários sobre a estratégia e a tática dos contendores, que o senso crítico, a intuição e a erudição de TASSO FRAGOSO o sagram verdadeiro historiador. Bate de rijo nas disposições tomadas pelos adversários; esmaga a pretensa concepção napoleônica que mais torde alguém quíz emprestar à manobra de ALVEAR; põe à mostra a maneira incompreensível por que BARBACENA travou a batalha, violando o princípio do escalonamento em profundidade; ofirma corajosamente que:

— "a impressão colhida no exame imparcial do mecanismo de nossas disposições, é que não fomos dirigidos por um General da envergadura de CAXIAS, ou

então que não tivemos nenhuma direção",
o que se lhe afigura mais provável; mas não deixa de ressaltar a bravura do combatente brasileiro e principalmente da Infantaria, que ali se bateu de modo brilhante. As conclusões de seu

estudo, à luz de ética militar moderna, levantaram e ainda provocam celeuma, porém delas brotam sempre ensinamentos de grande utilidade, mesmo para quem ainda hoje tímbrase em ser barbacenista.

Difícilmente haverá quem venha a superar TASSO FRAGOSO no esforço pela verdade sobre a BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO. Este livro será em qualquer época um grande livro.



Os cinco volumes da "HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRIPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI" seguem a mesma técnica anterior, já agora aperfeiçoada graças à documentação mais vasta e mais à mão e à messe de observações acuradas, a que se juntaram ensinamentos hauridos no estudo da Guerra 1914-18, acerca da tática e da estratégia dela decorrentes.

Como já apontamos, LEITÃO DE CARVALHO, tempos atrás, passou em revista, pela "A DEFESA NACIONAL", todas as páginas desse monumental livro. Proporcionou-nos aí verdadeiro roteiro que orienta e facilita a sua leitura e a sua compreensão. Os comentários do confrade ilustre estariam aqui bem a propósito, não fôra o receio de alongar a massada desta minha arenga. Não-nos contemos que não vos lembremos alguns excertos em que à explanação clara e documentada junta-se o acerto do comentário apropriado e do ensino útil. O estudo dos planos de operações, realmente elaborados ou supostos, bem como as reflexões acerca das primeiras operações paraguaias e aliadas, contém lições proveitosas para a escolha de objetivos e direções estratégicas, exemplificados nos erros iniciais de LOPEZ, com suas colunas excêntricas, sem ligação entre si e de repercussão singular nos resultados; na quasi perfeita acordância dos planos de MITRE, DE CAXIAS e de PIMENTA BUENO; sobre a escolha por MITRE de uma zona menos favorável às operações por interferência de fatores não exclusivamente militares; quanto à falta de aferramento ou do contáto do inimigo; e ainda no tocante às dificuldades advindas do terreno, da constituição das forças e da mingua de informações.

Em quasi todas as batalhas há reflexões do teor:

— "O problema de CAXIAS é agora assenhorear-se desse conjunto (posição de PIKISSIRI). Como projeta manobrar para conseguí-lo? Do seguinte modo: atacar ITA-IBATE' e as trincheiras de PIKISSIRI que serão tomadas pela retaguarda; en-

trementes vigiar ou mascarar ANGOSTURA. Era essa, evidentemente, a melhor solução. A caxilha uma vez conquistada, todo o resto cairia por si. A tomada simultânea da linha de PIKISSIRI acarretava a abertura da estrada de PALMAS e destarte facultava drenar daí para o norte, si houvesse mistér, a fôrça que guarnecia esse ponto... Quanto ao ataque de ITAIBATÉ, salta à vista pelo só exame da carta que o esforço principal devia ser exercido pelo lado de leste, CAXIAS teve sem dúbida a intuição dessa verdade, pois lançou dêsse lado grande parte da nossa cavalaria, mas logo depois reduziu-a e atirou-se no primeiro momento com tôda a infantaria justamente pelo lado oposto."

Parece que se está ouvindo um professor de Tática de nossas Escolas atuais na dissertação de um caso vivido. Assim TASSO FRAGOSO nos induz naturalmente a interpretar melhor o passado pelo presente, sem deixar de ver àquele em sua configuração temporal, isto é, no seu tempo, no seu ambiente físico e moral.

Muitos dos nossos oficiais instrutores vão beber nessa fonte ensinios de casos vividos ou concretos para ilustrar princípios e processos táticos e estratégicos. Um dos mais ilustres confrades deste INSTITUTO, o Coronel HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, teve ocasião de empenhar-se com rara maestria em estudos dessa natureza para evidenciar a utilidade da obra de TASSO.

Tôda essa vasta obra se multiplica em lições sôbre lições, que se somam numa só grande lição — a serenidade e equanimidade do seu julgamento, a gratidão imperecível aos nossos guerreiros do Paraguai e o extremado porém refletido e objetivo patriotismo do saudável mestre.

São suas palavras de fecho:

— "Tem-se procurado determinar a quem cabe a responsabilidade do conflito armado. Muitos, até no Brasil, no-la atribuem de modo excessivo. Para êsses tudo se deve desculpar a LOPEZ, e nada aos brasileiros e argentinos.

Esta apreçoção sempre se me afigurou injusta, embora eu pertença ao número dos que tributam sincera estima e admiração ao povo paraguaio e lamentam de todo o coração a guerra em que nos dilaceramos... Porém sempre se me afigurou baldia de justiça a sentença que fazia de nós os únicos culpados...

Também nunca me pareceu digno que brasileiros condenassem a guerra do modo que cobrissem de baldões os seus compatriotas participantes. Ainda que recaísse sobre nós toda a culpa do drama sangrento, não havia razão para amaldiçoarmos os milhares de brasileiros que foram à terra estrangeira e langincava com absoluta boa fé e sinceridade e, ali, em meio inhóspito, sem o mínimo conforto, metidos nos banhados ou nos selvas, pagaram com a vida o seu amor e fidelidade ao Brasil."

Por último a advertência final:

— "Si o ciclo do martírio humano gerado pelas lutas fratricidas não está fechada, aproveitemos a grande lição que nos proporcionou o Paraguai; não esqueçamos nunca queo proveitosa será para a defesa de nossa terra um entronhado patriotismo e um aproveitamento oportuno e racional do terreno."

Não ficou por aí a operosidade de TASSO FRAGOSO. Deixou-nos vários trabalhos esparsos de crítica militar e, por último, "A REVOLUÇÃO FARROUPILHA". Encontram-se nesta o mesmo método, a fartura de documentação, os mesmos processos de análise, a illustração cartográfica e as reflexões dourtas e oportunas. O estudo do ambiente psicológico e social é vergado para apontar a convicção de que a revolução fora simples ato de cadafa dos movimentos de rebeldia com que o Brasil aspirou libertar-se do domínio da PORTUGAL e do realmen monárquico, procurando assim emprestar aos farroupilhas

— "o incomparável idealismo que animou a ação das suas combatentes destemerasas",

e destrulndo, como já havia feito o Conselheiro ALENCAR ARARIPE, a pecha de separatistas, com estas galavras:

— "Não há nela (na Revolução Farroupilha) sintoma de anti-brasileirismo que a deslustre, como não o houve, por exemplo, na Confederação do Equador, em 1824. O rompimento com o Império obrigava a Independência, mas nem os Farroupilhas nem os Pernambucanos queriam marchar sozinhos para o seu novo destino, sendo que convidavam as demais províncias a acompanhá-los."

Bem claro é aí o intuito do historiador que, das controvérsias em torno da aparência separatista, democrática e republicana da revolução, canalizou os melhores resíduos para o fortalecimento

— "do fator psíquico que modela desde os primeiros tempos as nossas almas para que sejamos brasileiros!"

É de ver que há então acentuada tendência utilitarista da História para exaltar o orgulho pátrio e consolidar a armadura moral da Nação. A essa finalidade não convem ver a origem da Revolução nas rivalidades de influência provincial e nos atos pouco justos do governo central, os quais provocaram a desobediência que se transformou em rebeldia declarada; nem a falta de legitimidade da República presa do arbítrio dos poucos caudilhos chefes da rebeldia; nem tão pouco a negação da democracia; com a incompetência dos caudilhos para a ordem civil, com o regimen exclusivamente militar, em que dominava a voz do soldado, com a violência, sem liberdade e sem justiça (Conselheiro ALENCAR ARARIPE).

Seja de que maneira fôr, a Revolução dos Farrapos converteu-se para o Brasil em grande bem.

— "A revolução foi, a-pezar de tudo, uma formidável escola de patriotismo."

Não basta que tenha sido verdadeira "Escola de Guerra" para os que haveriam de defender os brios e a honra do Brasil em face de tiranias arrogantes. Ela servirá para afastar de vez o extremo-sul do

— "vínculo fundo e permanente que sempre existiu e ameaçava permanecer, até quasi os nossos dias entre a evolução e a formação das províncias do Sul e a formação e evolução dos Estados limites. (Panorama do Segundo Império — N WERNECK SODRÉ.)"

TASSO FRAGOSO acompanha os fluxos e refluxos dos revolucionários, em suas idéias e sentimentos, em seus gestos políticos e em suas atividades militares, respigando os informes de ALENCAR ARARIPE, VARELA e outros, apresentando tudo no seu dizer ótico e atraente e acabando por exaltar a atuação político-militar do então Barão CAXIAS. Este seu livro vale, sobretudo para nós militares, como peça de meditação acerca

das condições das operações no RIO GRANDE DO SUL. Os fatores terreno e meios mantêm ali uma tirania persistente, como vem provar-se mais tarde nos movimentos de 1893 e de 1923.

Todas nós que meditamos sobre o trabalho hercúleo a que se deu o abnegado membro desta casa, nos apercebemos da grande dificuldade que enfrentou para aliar a pesquisa da verdade com as correntes que desejam a História inteiramente prática, pragmática, pedagógica, política e quiçá tendenciosa.

De que se houve muito bem em tudo isso, estamos todos certos.

Foi-lhe possível respeitar e explorar o valor pedagógico e a função educativa da História, como

— "memória coletiva e espontânea dos povos"

na expressão de características que definem e valorizam o patrimônio étnico e histórico.



Certa vez, o mestre JOÃO RIBEIRO, louvando a "HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL", de GENSERICO DE VASCONCELLOS, lastimou que a exaustiva documentação prejudicasse a perspectiva geral; qual a impressão de edifício a que não se retirassem os andaimes.

Parece-nos não subsistir o reparo nos casos de GENSERICO e TASSO FRAGOSO, em que a análise e a discussão das fontes e conceitos, em busca da verdade, não obscurecem a síntese que destaca os fatos e imprime ao edifício as linhas mestras com que se realçam ricos adornos externos e se disfarçam as peças grosseiras da estrutura, da alvenaria e a própria argamassa.

Mesmo porque não se pode negar a TASSO FRAGOSO o conceito de KAERST, segundo o qual, o historiador não deve ser apenas frio colecionador de fatos, erudito reporter, porém um evocador, cuja mais nobre missão consiste em animar o passado pela força da

— "intuição viva",

afim de fazê-lo compreender pelo espírito de seu tempo. E éle satisfaz essa missão e para que ela persista, aqui o mantendes, em espírito, qual um pro-homem, que de pé à beira do conhecimento, sustenta o arcote para compreender a vida e contribuir para o bem comum.